

O “si mesmo” pós desastre: a construção da identidade narrativa das vítimas do desastre socioambiental da Braskem em Maceió-AL¹

Alice Ruanda Passarinho dos Anjos Oliveira²

Sabrina Feitoza Lima³

Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues⁴

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

RESUMO

Este trabalho aborda a relação entre as narrativas de si das vítimas indenizadas e não indenizadas do desastre socioambiental provocado pela Braskem em Maceió. A análise baseou-se em entrevistas em profundidade com os dois perfis constituídos em relação à organização. A partir das abordagens hermenêuticas de narrativas de Rodrigues (2022) e de entrevistas de Díaz (1999), ambos ancorados em Paul Ricoeur (1991, 2010), voltamo-nos às compreensões de formas de representação e a entender como produzem sua “identidade narrativa” (Ricoeur, 2010). O estudo comparado nos permite entender como essas narrativas se atravessam e se distinguem em uma vida pré e pós desastre.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Braskem; Vítimas; Desastre socioambiental; Hermenêutica Dialética das Narrativas.

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) produzida no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) intitulada “Narrativas de um desastre e a produção social da vítima: hermenêutica das narrativas em torno da crise socioambiental da Braskem em Maceió”. A presente discussão resulta de uma análise comparada das narrativas das vítimas do desastre provocado pela Braskem em Maceió, considerando os estudos realizados em dois

¹ Trabalho apresentado no GTNE17 - Estudos em Relações Públicas e Comunicação Organizacional, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025

² Estudante de Graduação do 6º período do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, aliceoliveira@ichca.ufal.br.

³ Estudante de Graduação do 8º período do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, sabrina.lima@ichca.ufal.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação, Professora e Coordenadora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, emanuelle.rodrigues@ichca.ufal.br.

planos de trabalho do projeto: o plano das narrativas de si das vítimas indenizadas e o das vítimas não indenizadas. A pesquisa, realizada em um período de seis meses, foi feita com quatro vítimas indenizadas e uma não indenizada, sendo essa última uma pessoa que não assinou nenhum acordo de compensação financeira com a Braskem, por, entre diversos motivos, não se sentir verdadeiramente compensada.

Para este trabalho, nos apoiamos na Hermenêutica Dialética das Narrativas (HDN) de Rodrigues (2022) como abordagem analítica – que nos possibilita compreender a processualidade das representações dos narradores entrevistados e o contexto em que estão inseridos – e na perspectiva de análise da identidade narrativa em contextos de entrevistas de Raul Diaz (1999). Ambos os autores se baseiam nos estudos de Paul Ricoeur (1991). Também partimos das discussões de Walter Benjamin (1994) sobre história e narrativa para a construção analítica de nossa abordagem.

Em 2019, o Serviço Geológico do Brasil (SGB)⁵ concluiu que a extração da salgema realizada pela mineradora Braskem era a responsável pelos danos causados e pelos tremores de terra em Maceió. Nos anos seguintes, cinco bairros foram afetados: Bebedouro, Mutange, Bom Parto e Farol. Num contexto de mais de 60 mil vítimas diretas, este projeto de pesquisa visa compreender como se constroem as narrativas sobre o desastre a partir da perspectiva das vítimas indenizadas e não indenizadas. Interessa-nos aqui pensar como os sujeitos entrevistados constroem a si mesmos em suas narrativas e qual a percepção de vítima que resulta dessa compreensão.

Para muitos, o acesso ao desastre se dá através de informações da mídia ou de terceiros. Da mesma forma o seu esquecimento: com a ausência de notícias, temos a dissipação do interesse. Se a informação se ocupa do novo, quando o acontecimento se torna perene, o que se manifesta como o resquício dos fatos são os relatos. É assim que Benjamin (1994) a distingue da informação: “Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. Com o desastre, as histórias das pessoas que viviam nos bairros atingidos não se encerraram com o afastamento, elas continuam a se produzir à medida em que as pessoas as revisitam em suas memórias, construindo-se a partir de uma teia complexa de narrativas.

⁵ Antigo CPRM.

As vítimas constituem um público fundamental das organizações envolvidas no desastre, nascendo de uma relação de conflito que é ele mesmo um traço característico da identidade que os personagens constituem no ato de narrar a si, formando o que Ricoeur (1991) chama de “identidade narrativa”. A noção refere-se à construção do si por meio da narrativa, na qual se constituem no ato de narrar.

Essa concepção de identidade se liga a um processo de configuração narrativa que diz respeito ao tecer da intriga (Ricoeur, 2010), isto é, um modo de contar histórias que se organizam em torno de eventos que dão significado à trajetória do sujeito. Como público constituinte do desastre, as vítimas se produzem como sujeitos através das narrativas que produzem esse “si mesmo” (Ricoeur, 1991). No entanto, possuem singularidades não homogêneas que se expressam na forma como se percebem no mundo. E aqui é preciso situar essa leitura em um contexto pós-desastre.

Ambos os públicos produzem, com singularidades, formas semelhantes de narrar, permitindo que a análise seja feita por meio daquilo que une e afasta essas narrativas, levando em conta o contexto que cada grupo ocupa. Em uma perspectiva dialética, a abordagem de Ricoeur (1991) nos traz aspectos importantes para pensar a identidade a partir da narrativa de si: a ipseidade e a mesmidade. A primeira diz respeito à capacidade de um indivíduo reconhecer a si mesmo ao longo do tempo e à busca pela manutenção de uma unicidade em meio às transformações do tempo. Já a segunda tem a ver com uma permanência imutável no tempo. Para o autor, essas formas de identidade pessoal estão em uma relação dialética que faz emergir uma forma de compreender a si mesmo a partir de uma dinâmica entre construção e manutenção de si.

A HDN se divide em três fases, das quais focamos apenas na primeira: a Mímesis I. Ela trata da pré-compreensão das narrativas das vítimas, partindo de quem é o sujeito que conta o relato por meio de três categorias de análise: inteligibilidade, simbolismo e temporalidade. Neste recorte, nos apoiaremos na segunda e terceira. A simbologia foca na representação e nos elementos trazidos pelos narradores, atuando na formação de categorias através do processo narrativo. Já a temporalidade é a capacidade de situar a narrativa em um tempo específico, se debruçando no contexto em que um determinado fato ocorreu. Essa abordagem nos permite compreender o processo de construção da identidade de si desses públicos.

A análise considerou as narrativas das vítimas por meio de entrevistas em

profundidade que, segundo Duarte (2015, p. 62), trata-se de uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes”. Nessas entrevistas, através de entrevistas semiestruturadas, buscavamos ter contato direto com as histórias e seus personagens principais. Vale ressaltar que as vítimas não indenizadas, por fatores externos, estão pouco dispostas a darem entrevistas, não restando muitos indivíduos aplicáveis a esse plano.

O ponto de origem da análise inicia-se na primeira pergunta das entrevistas, nas quais solicitamos que o entrevistado fale um pouco sobre si. As vítimas indenizadas, em sua maioria, falam sobre quem são a partir de perspectivas mais pessoais, enquanto as vítimas não indenizadas iniciavam o relato falando não sobre elas, mas sim sobre o acontecimento. Nos apoiando na Mimesis I (Rodrigues, 2022), o elemento mais interessante para situar-nos nessas diferentes narrativas é a temporalidade. Essa dissemelhança entre narrativas evidencia que, enquanto o primeiro público distancia-se do acontecimento para narrar a si, o segundo continua construindo a si a partir do desastre.

Ainda que haja dissonância, as vítimas convergem na dor que evocam suas memórias. Mesmo que o relato de si de alguns indenizados demonstre que a vida tem seguido para além do desastre, ainda carregam nostalgia de quem foram nos seus bairros antigos e indignação com a tragédia. Outro ponto que une esses entrevistados está nas raízes profundas que possuíam com o bairro, presentes na rede de convivência, no uso do bairro, no sentimento de pertencimento e nas memórias. Os vínculos formados através desses relacionamentos fincou raízes que foram arrancadas pela ação da mineradora.

Assim, mesmo após seis anos da tragédia, o passado ainda é um fantasma que espreita as novas moradas. A sensação é compartilhada pelos dois públicos, que, diante do empenho em construir um lar em seus antigos bairros, se viram diante de um novo desafio: recomeçar. O sentimento mútuo é de superficialidade nas recentes relações com os novos endereços, assim como com o próprio espaço habitado.

Essa dificuldade em se adequar aos novos espaços pôde ser percebida em uma entrevista que ocorreu no apartamento de uma vítima já indenizada, onde o cenário encontrado era de desordem. A família, antes composta por quatro pessoas, foi reduzida à metade, um afastamento consequente do desastre. Por onde os olhos podiam alcançar,

o que se avistava eram inúmeras caixas, mesmo não havendo mudança de imóvel prestes a acontecer, uma vez que ela já havia sido feita há muito tempo. Nesse momento, a temporalidade que perpassa a narrativa se torna material. O narrador deixou claro: “A questão da habitação ainda é muito difícil e preocupante, apesar dos acessos”.

Outro elemento crucial para a análise é o simbolismo que, para Rodrigues (2022, p. 156), “é o segundo aspecto necessário para uma compreensão inicial da narrativa.” Esse elemento analítico conversa com o que Diaz (1999) apresenta como categorias, que se formam a partir da maneira como o narrador objetifica o mundo. Essa correlação existe pois as categorias se formam através dos símbolos que ele utiliza para representar o mundo material.

Dessa forma, identificamos as categorias nas quais os diferentes públicos focam no ato narrativo. As vítimas indenizadas discorriam sobre saudade, pertencimento, rompimento e desavença familiar, saúde e uma forte contraposição nos relatos de passado e presente. Ao passo que a vítima não indenizada – apesar de trazer categorias semelhantes em sua narrativa, como família, saúde, e antíteses nos relatos temporais – tem como cerne da sua narrativa a necessidade de justiça, maior símbolo utilizado e que é traduzido pela dor na sua fala. Apesar dos elementos em comum, muitas dessas representações divergem, pois o sentimento de justiça que rege a narrativa do entrevistado não indenizado demonstra a resistência à qual a organização forçou esse público.

Apesar das indenizações, uma reparação condizente com os danos sofridos com o desastre não foi garantida, pois está contida em memórias e significâncias materiais que não são possíveis de estabelecimento de valor. Ademais, a maior parte das pessoas indenizadas entrevistadas aceitou o acordo a contragosto, saindo dos seus antigos bairros principalmente por motivos de esvaziamento na comunidade e outros fatores que fogem ao controle individual, como falta de monitoramento de pragas nas ruas e invasões a domicílios vizinhos desocupados. Um dos entrevistados expressou: “eles me venceram pelo cansaço”.

O estudo trouxe um panorama inicial da compreensão da construção do “si mesmo” desses públicos por meio de suas narrativas. A construção da identidade dessas pessoas é reflexo do ambiente ao qual está inserido e das influências do contexto sobre ele. Aqui, o contexto de desastre é o primeiro passo para a formação de uma nova

identidade narrativa na capital alagoana, formada por públicos distintos que se atravessam pela inconformidade em relação à tragédia.

Com essa análise, percebemos os efeitos da interferência do extrativismo em Alagoas e seus impactos sociais profundos. As implicações das ações da Braskem vão muito além da desterritorialização e da precarização da população afetada, eles afetam a própria compreensão de mundo e de si das pessoas atingidas pelo desastre. São os sentidos de reparação, justiça e desastre que estão em jogo, tendo efeito direto sobre a própria percepção que as vítimas têm de si e desse marcador social que passa a constituí-la com os resultados avassaladores do extrativismo capitalista. Dessa forma, entender como essas identidades e narrativas se constroem é um caminho possível para compreender a produção de sentidos em torno dos desastres socioambientais, a formação de seus públicos a partir da percepção que eles têm de si e uma forma de repensar nossas práticas enquanto profissionais de comunicação e relações públicas em um contexto de crises ambientais e climáticas.

REFERÊNCIAS

- RODRIGUES, E. G. B. **Narrativas do progresso e do sacrifício**: intersecções entre cristianismo e neoliberalismo na comunicação de lideranças religiosas brasileiras. 2022. 236 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022b. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43288>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- DÍAZ, R. Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodologica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 37-58, 1999.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2015. p. 62-83.
- RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 1**: a intriga e a narrativa histórica. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas I)**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.